

O QUE É AURA?

Walter Benjamin¹

Tradução:

Maria Thaís da Silva da Cruz²

Três folhetos de 18,5 x 11 cm destacados de um bloco publicitário. Cada folha porta, no alto à esquerda, o símbolo da água mineral San Pellegrino. Benjamin, talvez obteve esse bloco conseguinte a sua estada em San Remo, durante o verão 1937. Sobre a margem superior do primeiro folheto, Benjamin anotou: Olhar pelas costas/ encontro de olhares/ levantar os olhos, responder a um olhar. A reflexão sobre a aura neste texto será retomada, inclusive textualmente, em parte no trabalho sobre Baudelaire.

A experiência que temos da aura explica-se pelo adiamento, na relação natureza e homem, de uma forma de reação atual na sociedade. Aquele que é olhado ou crê-se olhado {levanta os olhos} responde por um olhar. Fazer a experiência de um fenômeno ou de um ser, é dar-se conta de sua faculdade de lançar um olhar {de responder à um olhar}. Esta faculdade é plenamente poética. Um homem, um animal ou um ser inanimado vem levantar os olhos sob nosso olhar, ele nos arrasta de início para o distante; seu olhar sonha, *nos* chama para seu sonho. A aura é a aparência de um distante, tão próximo que possa estar. As próprias palavras têm sua aura; Kraus as descreveu particularmente bem: “Quanto mais olhar uma palavra, mas ela responde olhando de longe”.

Há tanta aura no mundo quanto sonho nele. Mas o olho despertado não perde a arte do olhar quando o sonho lhe é extinguido. Pelo contrário, é somente nessa altura que o olhar torna-se realmente penetrado. Ele deixa de ser como o olhar da amante que diante do olhar do amante eleva

¹Walter Benjamin (1892-1940) filósofo ligado a Escola de Frankfurt e a Teoria crítica da sociedade capitalista. Dentre seus estudos destaca-se o projeto inacabado sobre a modernidade, que traria na interpretação da poesia de Charles Baudelaire um expoente da sua crítica materialista, despojados também nas suas Teses sobre o conceito de história (1940). A questão da aura atravessa alguns textos materialistas do filósofo. Na discussão sobre os eventos da sociedade capitalista moderna o autor apresenta a sua visão crítica sobre a História.

²Mestranda do Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE (CMAF/UECE) e Membro do Grupo Estudos Benjaminianos do Grupo de Pesquisa em Dialética e Teoria Crítica da UECE no projeto, Mercadoria e cultura: A aparência estética no Livro das Passagens de Walter Benjamin. Contato: tayzoca.cruz@gmail.com

os olhos; ele começa a assemelhar-se mais ao olhar pelo qual o menosprezado responde ao olhar do denegridor, o oprimido ao olhar do opressor. Deste olhar, toda a distância é suprimida; é o olhar daquele que despertou de todo sonho, tanto noturnos como diurnos. Tal disposição do olhar pode em certas circunstâncias aparecer massivamente. Ela surge quando a tensão entre classes excedeu um certo grau. {Consequentemente, para os que pertencem a uma classe, o olhar daqueles que pertencem a uma classe inimiga ainda é útil, até mesmo encantador, mas ser olhado pela primeira é sentido pela última como estranho, até mesmo prejudicial. Assim se explica que estamos dispostos a combater prontamente o olhar do inimigo de classe;} esta disposição é acima de tudo ameaçadora da parte que está em maioria. Chegamos a uma antinomia. As condições nas quais vive a maioria de explorados afastam-se sempre mais dessas que são habituais para a minoria de exploradores, mesmo que elas sejam apenas imaginadas. {A contradição destes último consiste} Quanto mais o interesse destes últimos em controlar os primeiro aumenta, mais terá de mal à ser satisfeito. Já desde muito tempo, o proletariado no trabalho dificilmente teve a oportunidade de ver aqueles que se beneficiam do seu trabalho. Os olhares que esperam estes, em resposta a seus olhares inquisidores, ameaçam sempre ser mais hostis. Em tais condições, a possibilidade de estudar com toda a tranquilidade os que pertencem as classes inferiores sem por sua parte a ser estudada, reverte-se da mais alta importância. Uma técnica que torna isso possível, mesmo se usada para os fins mais diversos, tem algo de incrivelmente reconfortante. Ela pode à longo prazo mascarar até que ponto a situação tornou-se perigosa no interior da sociedade humana. Sem o filme, sentiríamos em cheio, de modo insuportável, o declínio da aura.

Qu'est-ce que l'aura?

Walter Benjamin

Trois feuillets de 18,5 x 11 cm détachés d'un bloc publicitaire. Chaque feuillet porte, en haut à gauche, le symbole de l'eau minérale San Pellegrino. Benjamin s'est peut-être procuré ce bloc lors de son séjour à San Remo pendant l'été 1937. Sur la marge supérieure du premier feuillet, Benjamin a noté: "Regard dans le dos / rencontre des regards / lever les yeux, répondre à un regard". La réflexion sur l'aura contenue dans ce texte sera reprise, y compris textuellement pour partie, dans le travail sur Baudelaire.

L'expérience qu'on a de l'aura s'explique par le report, sur la relation entre la nature et l'homme, d'une forme de réaction courante dans la société. Celui qui est regardé ou se croit regardé

{lève les yeux} répond par un regard. Faire l'expérience d'un phénomène ou d'un être, c'est se rendre compte de sa faculté de jeter un regard {de répondre à un regard}. Cette faculté est pleinement poétique. Un homme, un animal ou un être inanimé vient-il à lever les yeux sous notre regard, il nous entraîne tout d'abord vers le lointain; son regard rêve, nous attire dans son rêve, L'aura est l'apparition d'un lointain, aussi proche qu'il puisse être. Les mots eux-mêmes ont leur aura; Kraus l'a décrite particulièrement bien: " Plus on regarde un mot, plus il répond en regardant de loin".

Autant d'aura dans le monde qu'il y a de rêve en lui. Mais l'oeil éveillé ne perd pas l'art du regard quand le rêve en lui est éteint. Au contraire, ce n'est qu'alors que le regard devient vraiment pénétrant. Il cesse de ressembler au regard de l'amante qui sous le regard de l'amant lève les yeux; il commence à ressembler davantage au regard par lequel le méprisé répond au regard du contempteur, l'opprimé au regard de l'oppositeur. De ce regard, tout lointain est effacé; c'est le regard de celui qui s'est éveillé de tout rêve, aussi bien nocturne que diurne. Une telle disposition du regard peut en certaines circonstances apparaître massivement. Elle surgit lorsque la tension entre les classes a dépassé un certain degré. Il en résulte alors que pour ceux qui appartiennent à une classe, le regard de ceux qui appartiennent à une classe ennemie reste utile, voire charmant, mais qu'être regardé par la première est ressenti par la dernière comme gênant, voire nuisible. Ainsi se fait-il qu'on est disposé à contrer promptement le regard de l'ennemi de classe; cette disposition est avant tout menaçante de la part de ceux qui sont en majorité. On en arrive à une antinomie. Les conditions dans lesquelles vit la majorité des exploités s'éloignent toujours plus de celles qui sont habituelles pour la minorité des exploités, et même si elles ne sont qu'imaginées. La contradiction de ces derniers consiste Plus l'intérêt de ces derniers à contrôler les premiers augmente, plus il aura de mal à être satisfait. Depuis fort longtemps déjà, le prolétariat au travail n'a plus guère l'occasion de voir ceux qui bénéficient de leur travail. Les regards qui attendent ceux-ci, en réponse à leurs regards inquisiteurs, menacent d'être toujours plus hostiles. Dans de telles conditions, la possibilité d'étudier en toute quiétude ceux qui appartiennent aux classes inférieures sans pour sa part être étudié par elles revêt la plus grande importance. Une technique qui rend cela possible, même si elle est utilisée à d'autres fins très diverses, a quelque chose d'incroyablement rassurant. Elle peut à long terme masquer à quel point la situation est devenue dangereuse à l'intérieur de la société humaine. Sans le film, on ressentirait de plein fouet, de façon insupportable, le déclin de l'aura.

Referência

BENJAMIN, Walter *Qu'est-ce que l'aura?* In. _____ **Baudelaire**. Org. AGAMBEM, G.; CHITUSSI, B.; HÄRLE, C.C. Paris: La fabrique éditions, 2013. I, 2 pp.29-30.